

MEU SEGREDO DE AMOR

ROBERT FULGHUM

Fica numa prateleira no alto do armário. Já foi uma caixa de sapatos enfeitada para o Dia dos Pais, um presente da minha filha mais velha. Dentro dela, papel-cartão rosa, vermelho e branco, desenhos e colagens com três tipos de macarrão, jujubas e confeitadas - tudo aquilo grudado com um exagero de cola branca.

A caixa de sapatos está enrugada e mofada onde as jujubas e os confeitadas derreteram. Está grudada em alguns lugares. Mas é um repositório de relíquias da infância dos meus filhos.

Se levantar a tampa, você vai entender por que a guardo.

Em folhas dobradas e desbotadas de bloco pautado, agora frágeis, estão as palavras: "Oi, papai", "Feliz Dia dos Pais" e "Ti amo". No fundo da caixa, colados, vinte e três corações feitos de miçangas. Com seus rabiscos, cada um dos três escreveu o nome. É o produto do amor em seu estado mais puro e verdadeiro.

As crianças agora são adultas. Ainda me amam, embora tenham dificuldade, às vezes, de demonstrar. O amor se complica com a idade e o conhecimento. É amor, sim, mas não é simples. Não é uma coisa que se poderia colocar numa caixa de sapatos.

Ninguém sabe que aquele presente antigo e grudado está lá. De vez em quando eu o desço do armário e abro a caixa. É uma coisa em que posso tocar, segurar e acreditar, agora que não há mais bracinhos ao redor do meu pescoço.

É o meu baú do tesouro. E ele significa amor. Quero que o enterrem comigo. Quero levá-la aonde quer que eu vá.